

A COESÃO TEXTUAL NA OBRA DE MURILO MENDES

Roseli Cabral Calil (Unifran)

Juscelino Pernambuco (Unifran)

Introdução

Esta pesquisa terá como objetivo analisar a construção dos versos desse poeta, buscando encontrar neles os elementos lingüísticos que garantem a coesão dos versos e colaboram para a constituição de sua linguagem.

“... o conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação lingüística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual” (KOCH, 1991, p.19).

Murilo Mendes foi um poeta de estilo inovador, até mesmo na sua religiosidade e junto com Ismael Néri, amigo e grande pintor, entre outros requisitos, foi considerado responsável pela cisão entre conservadores e renovadores. Os dois trouxeram o sentido de liberdade, dentro da Fé e da Igreja, para o moderno catolicismo brasileiro. A música foi ponto marcante na vida de Mendes, sendo Mozart, o músico admirado pelo poeta, que até lhe dedicou o livro “A metamorfoses”. De Juiz de Fora, Minas Gerais, à Itália muito contribuiu para a obra poética de Murilo Mendes, desde os primeiros versos até a obras consagradas, como “Contemplação de Ouro Preto”, “A Idade do Serrote” e tantas outras outras, em que o poeta revela sua grandiosidade intelectual e poética, pois fora professor na Universidade de Pisa.

Encontramos na linguagem poética de Murilo Mendes uma poesia com versos em prosa, ou quase que completamente em prosa, e nela o poeta questiona como indivíduo e como artista o seu estar-no-mundo. O resultado é uma “poesia” mais construtiva e mais politizada, que não quer e não pode se afastar das profundas transformações ocorridas no período em que “foram

criadas” (um tempo de definições, de compromissos, de aprofundamento das relações entre o “eu” e o mundo, mesmo com a consciência da fragilidade do “eu”). Sendo assim, a estruturação dos versos e o conteúdo temático aparecem intimamente conectados através de um elo muito forte, a construção estética do texto, usando aqui expressões de Pernambuco(2007), com apoio nos recursos de coesão. Em suas obras, Murilo Mendes usa de uma riqueza na elaboração dos versos através da exploração dos diferentes recursos da língua e das estratégias de versificação, há ainda em seus versos e estrofes o uso cuidadoso dos elementos de coesão em busca de dar sustentação à coerência da mensagem que o eu-lírico quer transmitir.

“ os pesquisadores deste campo de conhecimento buscaram o entendimento do texto, pretendendo descrevê-lo por si mesmo em sua totalidade. (...) Para tanto, questionavam os princípios de constituição do texto, os fatores de sua coerência, de sua coesão e de sua textualidades (...)” (ORLANDI et al.2006, p.45).

Coesão Textual

De acordo com Antunes(1996):

“ a coesão é um fenômeno que concerne à organização dos elementos na superfície do texto, de modo a promover e a indicar a continuidade das ocorrências verbais, em correlação com a continuidade, progressão e unidade semântica subjacentes e, ainda, em interação com outras propriedade da textualidade”(ANTUNES, 1996, p.38).

É bom lembramos ainda que a coerência diz respeito a diversos fatores que, embora presentes em um texto, também estão fora dele: a coerência refere-se tanto ao modo como empregamos a língua, quando falamos ou escrevemos, quanto à necessidade de considerar as pessoas a quem nos dirigimos, lembrando-nos de que precisamos adequar nossas comunicações a essas pessoas.

De um modo geral, podemos dizer que os fatores que garantem a coerência atravessam o texto, mas vêm do exterior, dos cuidados que precisamos tomar para que nossos textos possam garantir eficácia e surtir efeito. A coesão, por sua vez, é interna ao texto e refere-se a elementos

lingüísticos propriamente ditos, utilizados e manifestados no texto. Há fatores de coerência que estão implícitos no texto, mas os elementos de coesão encontram-se, sempre explicitados.

A coerência é o resultado das relações estabelecidas entre o emissor, o receptor e o texto propriamente dito.

A coesão, por sua vez, embora também esteja ligada ao todo e às relações autor/texto/receptor, é um fenômeno localizado, explícito, com marcas lingüísticas evidentes, fáceis de serem apontadas. Diz respeito à ligação das partes de um texto, às relações entre seus segmentos.

“ De tudo quanto precede, pode-se afirmar que há três conceitos fundamentais formulados pelas lingüísticas textuais que sempre devem ser considerados: inicialmente, é necessário encaminhar a textualidade de um texto que consiste em sua coesão e coerência. Ou seja: estes três conceitos representam o cerne dos estudos textuais para esta área do conhecimentos (ORLANDI et al.2006, p. 47)”.

Se pensarmos na língua como um todo formado de peças, a coesão será o elemento responsável pelo encaixe dessas peças. Ou melhor, em que a estruturação de um período já foi, com muita propriedade comparada à articulação de ossos resulta um braço, de duas ou mais orações num só período resulta uma articulação de pensamento, lembra-nos o professor Mattoso Câmara. As várias partes de uma frase também devem ser apresentar bem articuladas, conectadas, para que o texto resulte coeso, cumprindo, dessa forma, sua função primordial – comunicar uma idéia com clareza. Daí a importância da coesão textual.

Essa articulação das partes do texto, feita a partir de elementos de uma língua e colocados no texto tornam-se responsável pelos elos entre as idéias que estão sendo desenvolvidas.

Usaremos, para exemplificação de alguns recursos coesivos, o corpus da pesquisa em questão, os poemas de Murilo Mendes:

Um primeiro exemplo será do livro Visionário, o poema “Gênese Pessoal” – 1930-1933:

“... Aprenda a engatinhar,

Meu menino. Qual o quê,

Aprenda a andar muito bem

Que tua tia te dará

Aquela maçã tão bonita...”

Nesse caso, os versos em destaque completam o significado do verso antecedente, dando uma “razão” para que o menino ande ao invés de engatinhar. Articulação entre os dois versos é feita pelos pronomes que/aquela.

Como percebemos, um texto não se faz de um amontoado de palavras ou de orações. É necessário que haja uma articulação de pensamento, isto é, que os termos que formam uma oração e as orações que formam um período apresentem uma relação, uma dependência de significados. Sintaticamente, essa articulação é feita pelos conectivos. Um texto bem trabalhado sintática e semanticamente resulta num texto coeso.

Cada elemento responsável pela coesão textual funciona, no interior do texto, como um pequeno nó, que serve para “amarrar” duas ou mais idéias. Existem, porém, diferentes tipos de “nós” textuais.

Um desses tipos envolve o estabelecimento de referenciais. Em nossa língua, a classe dos pronomes constitui a principal fonte desses “nós” lingüísticos, por poder atuar na substituição de substantivos ou expressões, que designam algo já dito anteriormente, ou que será futuramente dito, pelo autor do texto. Por isso é importante que conheçamos bem o uso dos pronomes, para que, com seu auxílio, garante o estabelecimento corre das referências no interior de um texto, ou seja, consiga “amarrá-las” de forma adequada.

“ Ao observarmos, o comportamento de algumas palavras ou expressões nominais que usamos para fazer referência às

entidades de nosso mundo ou de outros mundos possíveis, notamos que algumas delas, por si sós, não são capazes de estabelecer referência com – ou denotar – um objeto do mundo. Algumas delas, para estabelecer sua referência, dependem necessariamente da presença, na mesma sentença em que se encontram, de uma outra expressão lingüística, que seja um antecedente em potencial na mesma sentença não é exigida, sendo elas capazes de recuperar sua denotação no contexto situacional ou lingüístico (FIORIN, 2005, p. 107)”.

É sempre bom reforçar que a coesão está lingüísticamente assinalada nos textos, uma vez que a interpretação de determinados elementos textuais depende da interpretação de outro(s). Costuma-se dizer, quando há um texto coesivo explícito, que um termo pressupõe o outro, na medida em que não pode efetivamente ser “decodificado” (compreendido) sem que seja feita referência àquele outro termo. Quando um fenômeno como esse ocorre no interior de uma estrutura, diz-se que se estabeleceu uma relação de coesão entre os dois elementos, que passam a estar potencialmente integrados na estrutura textual maior da qual fazem parte.

Assim, a coesão pode ser vista como um dos recursos estruturais através dos quais a língua garante a articulação textual, sendo o resultado de alguns mecanismos, também lingüísticos, como a referência, a substituição e a elipse. É importante destacar, ainda que há mecanismos de coesão tanto de natureza gramatical, quanto lexical, o que nos leva a falar de coesão gramatical (seqüencial, coesão referencial e coesão lexical). A chamada coesão referencial manifesta-se através da anáfora e da catáfora.

“... coesão referencial aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) do universo textual. Ao primeiro, denomino forma referencial ou remissa e ao segundo, elemento de referência ou referente textual (KOCH 1991,p.30).”

Anáfora: A forma mais simples de coesão é aquela em que o elemento pressuposto está verbalmente explicitado e precede o item coesivo. Esse tipo de pressuposição, que faz referência a algum item previamente explicitado, é conhecido como anáfora.

Um exemplo podemos encontrar no poema: “Filho Pródigo”, livro O Visionário, Murilo Mendes – 1930-1933:

“... meu irmão:

‘não te comoves ao ver

A cara da tua antiga namorada?...”

No exemplo acima, o termo **te** só pode ser recuperado se voltarmos ao verso imediatamente anterior e descobrimos que sua referência é o termo **meu irmão**. Dizemos, então, que ele refere-se anaforicamente a meu irmão e que uma relação de coesão foi estabelecida entre os dois termos para garantir a compreensão do texto.

“ Assim sendo, a interpretação de uma anafórica, nominal ou pronominal, consiste não em localizar um segmento lingüístico (um “ antecedente”) ou um objeto específico no mundo, mas sim em estabelecer uma ligação com algum tipo de informação que se encontra na memória discursiva (KOCH 2006, p.81).”

Catáfora: Uma outra possibilidade da ocorrência de referência no interior de um texto é exatamente contrária a exemplificada acima. Em outras palavras, o termo pressuposto aparece depois do item coesivo. Quando uma relação como ocorre, dizemos tratar-se de uma catáfora.

Vejamos um exemplo do poema: “Poema Simples”, do livro Mundo Enigma – 1942:

“... Sei que a noiva não é tua,

Sei que ela também não é

Do noivo que a possuiu...”

No exemplo apresentado, o termo **tua** só pode ser recuperado se identificarmos o termo **noiva**, que aparece depois dele na estrutura, como seu referente. Esta é uma relação de coesão de natureza catafórica.

Observemos que os itens coesivos referenciais não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, sem que se faça a vinculação com os termos pressupostos.

Ainda com relação à análise do sistema de referência estabelecido em um determinado texto, é importante destacarmos que o estabelecimento de referências tanto pode se dar entre elementos do próprio texto (referência endofórica), quanto entre elemento(s) do texto de outro(s) dado(s) da realidade exterior (referência exofórica).

Vejamos ainda outro exemplo do poema “Canto da Pobreza”, livro O Visionário 1930-1933:

“Sentas-te à beira da noite

Para fazer este poema,

Este poema não é teu,

É da tua tinta de papel...”

“São elementos de referência os itens da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas remetem a outros itens do discurso necessários à sua interpretação. Aos primeiros denominam pressupostos e aos últimos, pressupostos. Para os autores, a referência pode situacional (exofórica) e textual (endofórica). A referência é exofórica quando a remissão é feita a algum elemento da situação comunicativa, isto é, quando o referente está fora do texto; e é endofórica, quando o referente se acha expresso no próprio texto. Neste caso, se o referente precede o item coesivo, tem-se a anáfora, se vem após ele, tem-se catáfora. (...) A referência, para eles, pode ser: pessoal (feita por meio de pronomes pessoais e possessivos), demonstrativos (realizada por meio de pronomes demonstrativos e advérbios e comparativa efetuada por via indireta, por meio de identidades e similaridades) (KOCH 1991, p.20).”

No caso dos versos citados acima, o pronome pessoal **te** remete a referência pessoal (tu) juntamente com os pronomes possessivos **teu, tua** correspondes a mesma pessoa (tu); apresenta-se a referência situacional endofórica, referente expresso no próprio texto: **teu, tua** tinta de papel.

Ainda temos as categorias e recursos coesivos que podemos utilizar como referência a obra de Halliday & Hasan (1976) que representa um marco na sistematização do conjunto global destas categorias e recursos.

Tendo como sumária enumeração das categorias e fatores coesivos que eles apresentam com a função apenas de inserir a coesão lexical, de que ocuparemos.

Halliday & Hasan (1976) apresentam como categorias coesiva: a referência; a substituição; a elipse; a conjunção e a coesão lexical. Incluem-nas no domínio conjunto do sistema léxico-gramatical, embora façam uma ou outra categoria tender, preferencialmente, ora para a gramática, ora para o léxico. É assim que definem como 'claramente gramaticais' a referência, a substituição e a elipse, e como do léxico, evidentemente, a coesão lexical. Numa situação de limite entre a gramática e o léxico, situam as conjunções (...). Dividem a coesão lexical em duas subcategorias: a reiteração e a colocação. O conjunto das categorias difere-se por seu caráter relacional, ou seja, por sua função de ligar partes distintas da instância textual (ANTUNES 1996, P.47).”

Através da distribuição dos princípios da textualidade, a coesão e a coerência apresentam-se centradas no texto, tendo-se uma condição forte de inter-relacionamento formado um vínculo de legitimidade textual. Segundo Koch (1991) afirma que “ A coesão lexical é obtida por meio de dois mecanismos: a reiteração e a colocação (...) a coesão lexical, a meu ver, não, não constitui um mecanismo funcionalmente independente”.

Portanto, a coesão é um trabalho que pode ser comparado à arquitetura: todos os elementos precisam estar solidamente “amarrados”, de modo a oferecer, além da conexão propriamente dita, um resultado harmônico e funcional, isto é, os elementos de coesão, os conectores (a palavra “conector” está associada à palavra “conexão”, que quer dizer “ligação”). Conectores são elementos relacionados, que ligam as “partes”. Note, e isso é importante, que há uma diferença entre os elementos de coesão por retomada, como a palavra indica, “retomam” um termo que já está no texto. Os elementos de coesão por conexão vão juntar dois (ou

mais) argumentos, sem retomar nada. Sendo assim, a coesão é responsável pela boa formação de um texto, tornando-o compreensível.

Conclusão

Esperamos, com o desenvolvimento desta pesquisa, dar continuidade à análise da importância da coesão textual na elaboração dos versos de Murilo Mendes, um poeta preocupado em renovar permanentemente a sua poética, que buscou uma total liberdade de criação e experimentação. Pretendemos analisar vários poemas de diferentes fases de sua obra e neles concentraremos nossa atenção para o uso dos elementos lingüísticos capazes de dar ao texto a coesão necessária à organização do texto.

Referências

ANTUNES, M.I.C.M. **Aspectos da Coesão do Texto**. Recife: Ed. Univ. da UFPE, 1996.

FIORIN, J.L.(org). **Introdução à Lingüística I. Objetos Teóricos**. 4ed. São Paulo: Contexto, 2005.

KOCH, I.V. **Coesão Textual**. 4ed. São Paulo: Contexto, 1991.

KOCH, I.V. & ELIAS, V.M. **Ler e Compreender**. São Paulo: Contexto, 2006.

MENDES, M. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Fontana, 1976.

ORLANDI, E.P. & RODRIGUES, S.L.(orgs). **Discurso e Textualidade**. Campinas: Pontes, 2006.

